




## Dossiê

# Escritoras hispano-americanas do século XIX não traduzidas no Brasil: estudo piloto de um projeto em construção

Marina Leivas Waquil<sup>1</sup> 

Camila Rodrigues Boff<sup>1</sup> 

Victória Silveira Fraga<sup>1</sup> 

## RESUMO

*Este trabalho parte da premissa de que há uma quantidade considerável de produções literárias de mulheres hispano-americanas – de fundamental valor histórico, político, social e cultural em seus contextos de partida – que seguem sistematicamente ignoradas pelo mercado editorial brasileiro. A partir da coleta de diversos dados feitos com o suporte de pesquisas do campo, elaboramos um projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem como objetivo construir uma base de dados com informações sobre hispano-americanas do século XIX não traduzidas que sirva de referência para novos trabalhos, reflexões e traduções que tirem essas vozes de seu confinamento. Com base na Tradutologia Feminista Transnacional, entendemos a tradução não apenas como uma atividade comunicativa, mas como uma ferramenta com alto potencial de intervenção social que pode contribuir para a revisão de cânones, concepções e valores dominantes. Neste trabalho, apresentamos o estudo piloto desse projeto que se debruça sobre três países das três Américas: México (do Norte), Honduras (Central) e Colômbia (do Sul). Como resultados, indicaremos as fontes de consulta pesquisadas, tanto para a identificação das autoras em seu contexto de produção quanto para a confirmação de sua (não) tradução no Brasil; um resumo dos dados obtidos até o momento; e uma breve descrição de escritoras consideradas precursoras da literatura nos três países pesquisados. Pretendemos, assim, contribuir com a reescrita de uma cartografia da tradução hispano-americana no Brasil, possibilitando a introdução de vozes femininas inéditas no mercado editorial brasileiro.*

**Palavras-chave:** tradução feminista; literatura; mulheres hispano-americanas.

**Bethânia Mariani**  
Editora-chefe dos  
Estudos de Linguagem

**Beethoven Alvarez**  
**Lucía Tennina**  
Editores convidados

**Disponibilidade de dados e material:**  
Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.  
E-mail: marinawaquil@gmail.com  
E-mail: camila.rboff@hotmail.com  
E-mail: victoriasilveirafraga@gmail.com

Recebido em: 16/06/2025  
Aceito em: 12/08/2025

**Como citar:**  
WAQUIL, Marina; BOFF, Camila; FRAGA, Victória. Escritoras hispano-americanas do século XIX não traduzidas no Brasil: estudo piloto de um projeto em construção. *Gragoatá*, v. 30, n. 68, e68224, set.-dez. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i68.68224.pt>

## Introdução

“Não há razão natural para a existência de uma tradução” é uma afirmação da teórica e professora Lola Sánchez (2015, p. 56) que, embora à primeira vista possa parecer óbvia, é frequentemente ignorada na recepção literária e na construção do cânone de literatura traduzida no Brasil. Trata-se, além disso, do impulso central para a realização da pesquisa descrita neste trabalho: posto que as traduções não são produtos naturais, mas construtos humanos resultado de processos de agência e seleção, questionamos a literatura à qual o amplo público leitor brasileiro tem acesso por meio da tradução. Focamos, mais especificamente, em uma problemática, contínua e antiga tendência: o cada vez mais prolífico mercado editorial<sup>1</sup> brasileiro segue ignorando sistematicamente um grande número de autoras hispano-americanas reconhecidas e valorizadas em seus contextos de produção há mais de um século. Pesquisamos, portanto, com o suporte teórico, ético e político da perspectiva feminista nos Estudos da Tradução, que nos permite aplicar a esta pesquisa o recorte da variável de gênero e desenvolver um trabalho cujo foco é divulgar a produção literária de mulheres hispano-americanas que segue inexistente em português brasileiro e, portanto, pouco acessível para o público leitor no mercado editorial<sup>2</sup>.

Esta pesquisa, por conseguinte, segue o rastro da importante virada cultural que impactou os Estudos da Tradução e representou uma profunda mudança epistemológica no campo ao passar a tratar e estudar a tradução como uma prática social muito mais complexa do que uma simples transferência linguística. Desde essa fundamental virada, o campo vive uma profunda expansão e, deixando de lado reflexões focadas exclusivamente nas diferenças entre as línguas envolvidas nas atividades tradutórias, tem-se dedicado a desenvolver análises que consideram, por exemplo, contextos geopolíticos, sujeitos e subjetividades, pressões ideológicas e relações de poder e hierarquia envolvidas nas atividades de tradução.

É com base nesse contexto epistemológico que esta pesquisa se propõe a pensar a não tradução como um fato que tem o perigoso potencial de produzir o que a filósofa contemporânea Miranda Fricker (2017) define como injustiça epistêmica, isto é, um tipo de fenômeno social que sustenta uma desigualdade de poder cuja base reside no campo do conhecimento. Mais especificamente, uma subcategoria de injustiça epistêmica serve a esta investigação: a injustiça hermenêutica, que se refere a uma lacuna em nossa compreensão coletiva que coloca certos grupos sociais em desvantagem em contextos nos quais sua experiência social deveria/precisaria ser compreendida. A injustiça hermenêutica afeta a maneira como interpretamos e, conseqüentemente, compreendemos as experiências de diferentes grupos sociais: “Nosso conhecimento do mundo social é basicamente interpretativo e fica comprometido se as ferramentas hermenêuticas que temos para dar sentido às coisas são informadas de forma desigual pelas experiências de diferentes grupos sociais” (Fricker, 2017, p. 145-146).

<sup>1</sup> Aqui entendido como o setor da economia que envolve o conjunto de atividades dedicadas à produção, distribuição e comercialização de livros e outros materiais impressos ou digitais.

<sup>2</sup> Embora não contemos com dados que indiquem com precisão a porcentagem do público leitor brasileiro capaz de ler em língua espanhola nem no século XIX nem atualmente, observamos que livros em línguas estrangeiras, de modo geral, têm seu acesso dificultado em muitos sentidos no Brasil: de uma perspectiva linguística, porque se restringem a pessoas de importante erudição ou ao menos relevante formação letrada (que podem ler em outros idiomas); e, de uma perspectiva socioeconômica, por dificuldades de distribuição, pelos preços elevados com os quais precisam ser comercializados, por questões de prioridade do mercado livreiro, entre outras. Entendemos, assim, que a publicação de traduções, se não oportuniza, ao menos facilita enormemente o acesso do grande público a obras estrangeiras e, por isso, tem um papel fundamental na divulgação de vozes outras.

Nesta pesquisa, partimos da concepção de que a literatura, além de seu inestimável valor estético e cultural, tem papel central em nossa compreensão do mundo social, já que é um dos meios pelos quais as experiências sociais humanas são transmitidas e circulam. Em função disso, a expressiva carência de tradução de importantes obras de escritoras hispano-americanas aponta uma injustiça epistêmica que mantém desconhecida grande parte da experiência social representada por essa literatura a partir de significativas lacunas de tradução.

Dessa forma, este trabalho busca cumprir uma função social, cultural e política de crítica, discussão e complementação das práticas do mercado editorial, um agente fundamental da circulação de ideias, teorias, experiências e conhecimentos. É preciso lembrar que o *corpus* de traduções que temos à nossa disposição é uma oferta de um trabalho de seleção, tradução e publicação desse mercado; não se trata de um *corpus* arbitrário ou casual, mas, sim, do resultado de um “processo de discriminação positiva em relação ao que é traduzido e de discriminação negativa em relação ao que é descartado” (Sánchez, 2015, p. 67). Focamos, portanto, na possibilidade de utilizar a tradução como ferramenta de produção de encontros reais (Tissot, 2017), isto é, uma atividade que encurta a distância entre diferentes experiências e aproxima mundos situados em diferentes contextos – a não tradução, portanto, representa um obstáculo a esses encontros e aproximações, pois “freia sua disseminação e participação no intercâmbio cultural” (Sánchez, 2015, p. 67).

Assim, partindo de estudos quantitativos que se dedicam a compilar as traduções publicadas no Brasil, este projeto propõe o paradoxo de observar ausências, divulgando-as com o objetivo de que novas pesquisas e traduções, com cada vez mais frequência, transformem-nas em presenças. Propomos, dessa forma, olhar para o presente a partir do atravessamento do passado, em uma perspectiva benjaminiana segundo a qual “a história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras” (Benjamin, 1987, p. 229). Nessa concepção, o passado contém o presente e age nele, mas é no presente que podemos negociar o passado e, assim, talvez, reconfigurar o futuro.

### **Corroborando uma hipótese**

Para essa empreitada, entendemos, como Anthony Pym (1996, n.p.), que é fundamental ter “mais do que dados anedóticos à mão antes de defender hipóteses globalizantes/generalizáveis”. Nesse sentido, contamos com estudos que, direta ou indiretamente, contribuem com nossas hipóteses de que 1) temos muito mais acesso à produção literária de homens hispano-americanos do que à de mulheres e 2) de que esta é ainda sub-representada no mercado editorial brasileiro.

Dentre os estudos que corroboram essas hipóteses, podemos destacar a importante pesquisa de Sergio Karam (2016), que buscou identificar as obras hispano-americanas traduzidas e publicadas no Brasil

entre 1960 e 1990, além de iniciativas editoriais anteriores e posteriores a esse período. Além de vinte antologias, Karam (2016) encontrou 1026 livros hispano-americanos traduzidos e publicados pelo mercado editorial brasileiro nesse período. Em nossa pesquisa, analisando em profundidade esses dados, constatamos que apenas 141, ou seja, 13,74% dessas obras, foram escritas por mulheres hispano-americanas; 85,76% (880 livros) da lista representa obras escritas por homens e 0,48% (cinco livros) tem mais de um autor, e entre eles está uma mulher. Também identificamos que, do total de 303 obras hispano-americanas publicadas no Brasil, segundo a pesquisa de Karam (2016), 78,54% são de homens (238) e 20,13% (61) são de mulheres – o restante 1,32% representa mulheres que compartilham a autoria dos livros com homens.

Outro estudo com dados diretos que contribuem com a defesa de nossas hipóteses é o de Maria Teresa Mhereb (2022), que compilou as traduções de poesia que o mercado editorial brasileiro publicou nas duas primeiras décadas do século XXI a partir do levantamento de Aseff (2023, em constante atualização). Nesse trabalho, Mhereb (2022) revelou que a maioria absoluta dessas publicações – 83,7% – são obras de pessoas de origem europeia ou estadunidense. Os números que correspondem a obras de pessoas latino-americanas traduzidas para o português brasileiro são expressivamente mais insignificantes – representam 12% das traduções publicadas. Esses números são ainda mais alarmantes quando nos detemos mais especificamente no gênero das pessoas autoras das obras traduzidas: o estudo de Mhereb (2022) aponta que, das obras poéticas hispano-americanas traduzidas do espanhol para o português nesse período de duas décadas, além do baixo número total, não consta absolutamente nenhuma escrita por uma mulher<sup>3</sup> (nenhum livro de autoria única e nenhuma antologia que incluísse mulheres).

Apesar de alguns esforços editoriais importantes, e bastante recentes, o público leitor brasileiro ainda não tem amplo acesso a grande parte da produção literária de muitas mulheres hispano-americanas que, embora sejam reconhecidas em seus contextos de produção e, em muitos casos, tenham publicado seus trabalhos há muitas décadas, inclusive há mais de um século, não se encontram traduzidas para o português brasileiro nem mesmo em antologias e coletâneas de textos hispano-americanos, nas quais, em geral, pouco ou nenhum espaço é dado à produção de mulheres. Observamos essa prática inclusive em grandes casas editoriais, de alto poder aquisitivo e com expressiva entrada com o público leitor: a editora Rocco, por exemplo, publicou, ao longo de 2013, uma coletânea de livros intitulada “Otra língua”, com o objetivo de difundir “joias raras ignoradas por nosso mercado editorial, um pouco como aqueles vizinhos de um prédio que nunca nos preocupamos em cumprimentar” (Torres, 2013, n.p.). Embora de fato sejam obras de indiscutível importância para a história da literatura hispano-americana, dos catorze livros que compõem a coleção, apenas um é obra de uma escritora (*O corpo em que nasci*, de Guadalupe Nettel).

<sup>3</sup>Segundo Mhereb (2022, p. 13) “isso não significa que as editoras nacionais estudadas não publiquem poetas com origem nessas regiões [América Latina, África e Oceania], já que se trata de resultados obtidos por pesquisa feita por amostragem, mas é possível dizer que elas as publicam em quantidade muito pouco expressiva”.

Por fim, cabe ilustrar nossas hipóteses com a análise de uma lista ainda mais recente que compila a destacada e reconhecida produção literária de mulheres em língua espanhola no período de um século. Trata-se da lista da revista literária colombiana *Arcadia*, que, todos os anos, publica uma lista com uma seleção dos melhores livros publicados nos últimos doze meses. Em 2019, a revista inovou e reuniu um júri de 91 pessoas de todo o mundo – entre professoras, pesquisadoras, críticas e escritoras – para apresentar uma seleção dos 100 melhores livros dos últimos 100 anos (de 1919 a 2019) escritos por mulheres em língua espanhola. Foi um projeto, segundo Sara Malagón Llano, editora-chefe, e Juan de Fróno, coordenador da lista, de resgate literário “[d]aquelas que abriram caminho para escrever quando ninguém as ouvia e [d]aquelas que as seguiram” (Revista Arcadia, 2019, n.p.). Dos 100 livros escolhidos pelo júri, dois eram de Clarice Lispector e, portanto, escritos originalmente em português. Entre os outros 98, em 2019, apenas 29 se encontravam traduzidos ao português e publicados no Brasil, contra 69 que permaneciam ignorados pelo mercado editorial e, portanto, pelo grande público brasileiro; ou seja, 70,5% dos melhores livros escritos por mulheres em espanhol ao longo do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, segundo um júri de especialistas, ainda não contavam com tradução brasileira.

Vale ressaltar que, dos 28 livros da lista Arcadia que se encontravam traduzidos no Brasil, quinze, ou seja, mais da metade, haviam sido escritos nas duas primeiras décadas dos anos 2000. Os outros treze eram livros publicados ao longo dos últimos oitenta anos, o que indica o interesse do mercado editorial evidentemente concentrado nas vozes contemporâneas. Podemos, sem dúvida, celebrar esse fato, que demonstra uma atenção necessária às vozes vivas e poderosas que se destacam nos sistemas literários da atualidade, mas, ao mesmo tempo, é importante reconhecer o silêncio em que são mantidas outras vozes diversas, manifestadas em tempos mais distantes, mas não menos relevantes. A própria revista reconhece que, embora a literatura escrita por mulheres hoje seja uma literatura mais visível, “[...] raramente olhamos para as escritoras que nos trouxeram até aqui” (Revista Arcadia, 2019, n.p.). Com a análise realizada sob a perspectiva da (não) tradução dessas obras, fica ainda mais evidente a ausência das precursoras no mercado editorial no Brasil: por exemplo, nenhum dos sete livros da década de 1950 presentes na lista havia sido traduzido; dos onze da década de 1970, apenas um; da década de 1980, que aparece na lista com catorze livros publicados, somente três constavam no mercado editorial brasileiro com tradução para o português. De 2019 até o presente momento, outros cinco livros da lista ganharam tradução no Brasil; desses, com exceção de *Eisejuaz*, de Sara Gallardo, publicado nos anos 1970, quatro foram publicados em seus contextos de partida a partir de 2010.

Essas análises que trazemos resumidamente aqui não buscam dar conta do problema da (não) tradução, mas sim apontar, com base

no que os próprios números sugerem, um atraso que fica evidente em termos de tradução e publicação de importantes vozes hispano-americanas no mercado editorial brasileiro. Se é verdade que autoras hispano-americanas contemporâneas estão sendo traduzidas, publicadas e lidas no Brasil nos últimos anos (no que muitos veem como um “novo boom latino-americano”), também parece evidente que muitas outras, anteriores a elas, permanecem ignoradas, algo que a tradutora Mariana Sánchez, por exemplo, vê como resultado de um esquecimento mais amplo, que engloba muitas outras: “Para essas e muitas outras mulheres, que produziram literatura sem concessões – numa América Latina muito mais machista e conservadora do que hoje –, são necessárias duas ou mais gerações para que possam chegar aos leitores que, afinal, elas próprias inventaram” (Revista Puñado, 2021, p. 249).

Assim, com base nesse contexto, propusemos um projeto de pesquisa que se baseia na concepção de que, para os sistemas literários, “não menos importante do que ‘a decisão de traduzir este ou aquele tipo de obra’ é a decisão de não traduzir uma obra” (Baer, 2021, p. 40), o que, embora não seja necessariamente um processo consciente, é um reflexo de padrões sociais que ainda confinam a produção de mulheres, em muitos casos, às margens dos sistemas literários.

Para isso, são objetivos centrais deste projeto: 1) a organização de uma base de dados de autoras hispano-americanas não traduzidas que possa não só contribuir com esta pesquisa, mas também oferecer informações para outros e futuros trabalhos; 2) em uma próxima fase, a tradução de uma amostra de textos inéditos de mulheres hispano-americanas.

Neste trabalho, apresentamos o estudo piloto com o qual iniciamos esta pesquisa e que já nos indicou importantes caminhos a serem seguidos. Esse estudo incluiu os seguintes passos, descritos na sequência:

- definição do referencial teórico da pesquisa;
- estabelecimento da metodologia de compilação de dados;
- delimitação de recorte temporal para encaminhamento do primeiro triênio do projeto;
- estudo aprofundado de uma autora de cada um dos três países pesquisados no estudo piloto.

### Referenciais teóricos

A reflexão proposta nesta pesquisa, bem como sua etapa prática de tradução, é possível não apenas pela importante virada cultural no campo da tradução, mas também por estudos feministas anteriores que, desde a década de 1970, com a influência de teorias pós-estruturalistas, desconstrutivistas e movimentos sociais importantes, produzem novas perspectivas que contribuem para questionar noções básicas do campo e para agregar às reflexões novos elementos, questões, objetos e sujeitos de estudo.

No que pode ser situado dentro de uma lógica do questionamento que, segundo Sandra Harding (2019, p. 151), “surge do reconhecimento de como as ciências naturais e sociais são, de fato, profundamente permeadas por formas de organização e práticas sociais e políticas cotidianas”, desenvolvem-se reflexões feministas no campo da tradução que motivam pesquisadoras, professoras e tradutoras a assumirem diversas tarefas, como: denunciar as inúmeras obras perdidas e/ou silenciadas de autoria feminina; contribuir para a transformação do cânone literário contemporâneo; revelar traduções de livros feministas cujo significado foi distorcido e incorporado à ideologia patriarcal dominante; mudar a representação das mulheres por meio da tradução, do questionamento e da oferta de alternativas à linguagem sexista, entre outras (Castro, 2017).

Mais recentemente, adaptando-se às novas elaborações dos feminismos, que acompanham desdobramentos políticos e o surgimento de diferentes demandas sociais, vem desenvolvendo-se a perspectiva denominada Tradutologia Feminista Transnacional (TFT), que acrescenta ao debate um caráter mais plural e fundamentalmente contra-hegemônico: a tradução é entendida como uma prática ético-política de mediação ideológica e como possibilidade de interferência em fluxos epistemológicos desiguais (Castro; Spoturno, 2020).

A TFT se baseia nos feminismos transnacionais, que, tomando como ponto de partida a diferença de experiências e subjetividades, desenvolvem estratégias de resistência a hegemonias cristalizadas, propõem respostas a políticas globais de exclusão e, ao mesmo tempo, defendem o estabelecimento de práticas, relações e alianças feministas que desafiam ordens simbólicas e relações de poder desiguais.

Nesse contexto, a tradução, enquanto atividade que nunca é neutra – posto que sempre subjetiva – e que tem o potencial de introduzir a experiência da alteridade em seu contexto de recepção, é entendida como uma “ferramenta que nos permite questionar não só as universalidades, as epistemologias imperiais e patriarcais, mas também a ordem social e política que nelas se baseia” (Tissot, 2017 p. 33). Além disso, o ponto de vista epistemológico a partir do qual a TFT parte exige sempre uma adaptação a cada prática de reflexão e tradução em jogo – é, portanto, sempre situado.

Assim, esta pesquisa sobre tradução, desenvolvida com a perspectiva da TFT e como forma de combater a injustiça epistêmica sobre a qual Fricker (2017) reflete, é uma possibilidade de intervenção social, capaz de transformar “as linguagens, os textos, as mídias e os agentes que entram em contato por meio de sua prática” (Castro; Spoturno, 2020, p. 27). Além disso, representa uma possibilidade, ainda que dentro de seus limites, de enfrentar a violência epistêmica de que Gayatri Spivak (1993) vem falando há décadas e que, no campo do conhecimento – incluindo as manifestações literárias de que falamos aqui –, impõe certas experiências e visões de mundo em detrimento de outras, que são negadas, ignoradas, silenciadas.

Desse modo, se compreendermos que os textos literários manifestam, em certa medida, com caráter ficcional ou não, as experiências subjetivas de quem os cria, essencialmente atravessadas por variáveis que moldam sua existência no mundo (gênero, raça, contexto geopolítico, sexualidade, linguagem, etc.), não podemos negar seu potencial de testemunho e, como um todo, de influência no imaginário popular e social. O acesso a esses textos – e, portanto, a todo o seu potencial – por quem se comunica em diferentes códigos linguísticos depende de um processo de tradução com o qual os mundos relacionados sejam aproximados. Destacar o conjunto de obras de mulheres hispano-americanas ainda ignoradas pelo mercado editorial brasileiro – objetivo primeiro desta pesquisa – pode indicar caminhos para práticas tradutórias que colaborem para a quebra de estereótipos que fundam preconceitos, desigualdades e injustiças.

### Metodologia

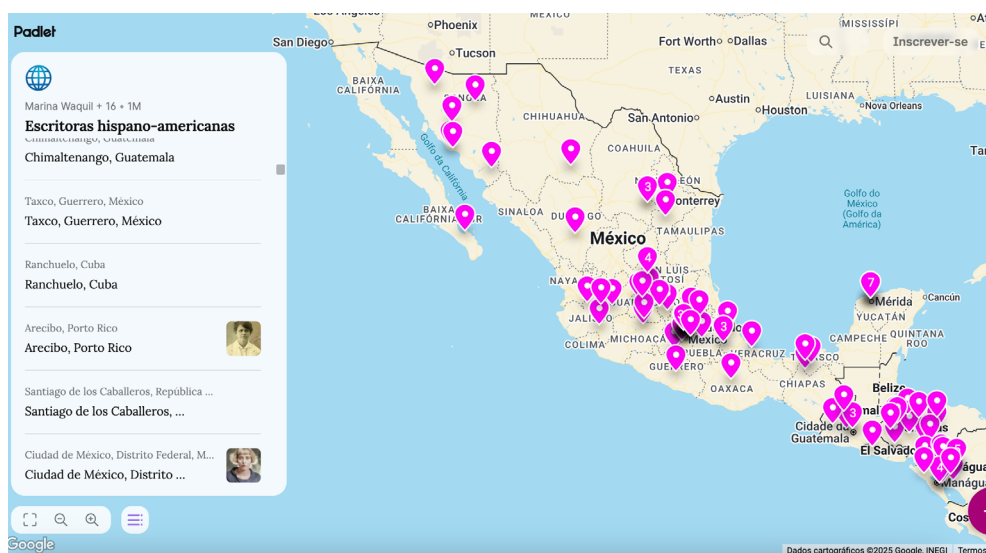
Buscando representar, na medida do possível e de nossas limitações, a literatura de mulheres latino-americanas em língua espanhola ainda sem tradução no Brasil, trabalhamos com a ideia de mapa, tomando emprestado, mais especificamente, o método de cartografia proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. No livro *Mil Platôs* (2006), os autores elaboram a ideia de pensamento múltiplo, uma oposição à forma tradicional de refletir e conhecer que seria organizada pelo conceito de “rizoma”, estrutura que prescinde de centro, hierarquia, ordem. Nessa perspectiva, o pensamento e o conhecimento não se estruturam ou se guiam por axiomas, mas por meio de diferentes observações e conceitualizações que se expandem em/por várias direções. Na descrição desse conceito, Deleuze e Guattari (2006) destacam seis características aproximativas do rizoma, entre as quais incluem a de “cartografia”, um método a partir do qual o objeto de análise não é isolado de suas conexões com o mundo, mas observado a partir de suas potencialidades. O resultado, isto é, o mapa, é movediço, está sempre em movimento:

[...] é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (Deleuze; Guattari, 2006, p. 22).

Não nos afastamos de modo irrestrito, é claro, do cartografar tradicional, que observa territórios e situa dados, mas buscamos aplicar a nosso método a abertura reflexiva de Deleuze e Guattari, assumindo um caminho não linear pela América Latina e, sobretudo, um trajeto necessariamente marcado pelas subjetividades tanto das pessoas pesquisadoras quanto de nossos objetos de estudo, considerando as particularidades geopolíticas de cada um dos países e os atravessamentos subjetivos das autoras identificadas. É com essa perspectiva que nos

alinhamos para elaborar um mapa de escritoras hispano-americanas ainda ignoradas pelo mercado editorial brasileiro que as destaque e impulse para pesquisas e, sobretudo, traduções: cartografar como “estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (Prado Filho; Teti, 2013, p. 47).

Para dar vida a esse mapa, utilizamos a ferramenta Padlet, uma plataforma com versão gratuita e on-line, baseada em nuvem, que permite a criação de murais virtuais colaborativos. Um de seus recursos é justamente a produção de mapas que organizem o conhecimento específico que as pessoas pesquisadoras buscam apresentar. Posteriormente, esse mapa poderá ser acessado por qualquer pessoa com acesso à internet (Figura 1).



**Figura 1.** Rumo a uma nova cartografia: o caso das mexicanas.

Fonte: elaboração das autoras.

Além disso, também tomamos como inspiração metodológica o banco de dados elaborado no projeto “Poesia traduzida”, coordenado pela profa. Marlova Aseff, da Universidade de Brasília, que tem como principal objetivo “disponibilizar à comunidade científica e à sociedade em geral um catálogo on-line de poesia traduzida publicada no Brasil nos séculos XX e XXI” (Aseff, 2023, n.p.). Trata-se de um trabalho já consagrado na pesquisa brasileira e que contribui para os Estudos da Tradução suprimindo a carência de catálogos de traduções atualizados destacada por Pym (1998), um tipo de produto que tem o potencial de oferecer recursos preciosos para pesquisas do campo. Nosso objeto, diferente do que orienta o trabalho de Aseff, não são traduções publicadas, mas, pelo contrário, obras inéditas em português brasileiro que, esperamos, contribuam para a realização de outras pesquisas e, sobretudo, traduções.

A partir disso, começamos a elaboração de nosso mapa da não tradução a partir de um estudo piloto que nos permitisse uma primeira aproximação aos dados. Para tal, selecionamos um país representante de cada uma das três regiões latino-americanas: Colômbia (Sul); Honduras (Central); e México (Norte)<sup>4</sup>. Na sequência, procedemos aos seguintes passos:

1. Compilação de fontes de coleta de informações sobre autoras em cada país.
2. Conferência do status de tradução no Brasil das autoras identificadas a partir de consulta às fontes primárias indicadas por Aseff (2023): a) Biblioteca Nacional; b) Portal Estante Virtual (que reúne acervos de aproximadamente 1300 sebos brasileiros); c) WorldCat (catálogo on-line do Online Computer Library Center e considerado o mais expressivo do mundo); d) Google Livros e Google Search; e) bases de dados de livrarias brasileiras; f) catálogos de editoras on-line; g) motores de busca na internet.
3. Organização, em uma planilha colaborativa, das informações obtidas a respeito das autoras identificadas: nome completo, ano e local de nascimento, bibliografia e links para acesso a páginas de relevância para consultas posteriores.
4. Elaboração do mapa das escritoras não traduzidas na plataforma Padlet.
5. Análise de uma escritora de cada um dos países<sup>5</sup>.

Além disso, considerando que, nas pesquisas em tradução, e sobretudo nas de caráter qualitativo, “é preciso saber (e se necessário reformular) qual problema se quer resolver” (Pym, 1996, n.p.), a partir dos extensos achados iniciais, decidimos reformular e redimensionar o objeto desta pesquisa. Como nosso objetivo é coletar uma amostra de escritoras de todos os países hispano-americanos, para evitar escolhas arbitrárias, no triênio proposto para a execução da pesquisa, decidimos centrar-nos na produção do século XIX a fim de alcançar a maior completude possível dos resultados, evitando deixar de lado informações que ainda não teríamos a capacidade de compilar em função de tempo e recursos.

Essa reformulação também atende à constatação, corroborada por análises explicitadas na introdução, de que há uma ausência ainda mais explícita de autoras precursoras da literatura em seus países; se o mercado de tradução tem prestado mais atenção à produção contemporânea de mulheres hispano-americanas, por outro lado, segue ignorando nomes fundamentais que “abriram o caminho escrevendo quando ninguém estava ouvindo” (Revista Arcadia, 2019, documento on-line). De fato, em pesquisas iniciais, encontramos uma profusão de autoras hispano-americanas sendo publicadas e traduzidas sobretudo a partir da segunda metade do século XX, o que confirma um olhar já mais atento do mercado editorial para essa produção.

A seguir, detalhamos os achados para cada um dos países analisados no estudo piloto.

<sup>4</sup> Como o objetivo desta pesquisa é recolher as informações objetivadas para todos os vinte países hispânicos da América Latina, esta primeira seleção não teve caráter qualitativo, respondendo apenas à proposta de iniciar nosso percurso com um país situado em cada uma das três regiões que compõem a América Latina - do Sul, do Norte e Central.

<sup>5</sup> A seleção dessas autoras corresponde à análise profunda que fizemos das fontes compiladas, as quais demonstraram sua relevância no sistema literário de seus respectivos países.

## Um giro pelas Américas

### Colômbia

No âmbito da literatura da Colômbia escrita por mulheres, é importante dizer que as fontes de pesquisa utilizadas para compilar as escritoras colombianas se apresentaram consideravelmente numerosas. A pesquisa se iniciou com a busca de materiais no portal da Biblioteca Nacional de Colombia, onde encontramos dois importantes projetos. A “Biblioteca Básica de Cultura Colombiana” busca publicar e difundir obras importantes para a cultura colombiana em muitas áreas do conhecimento, dentre elas a literatura, dando a ver algumas criações de escritoras mulheres. É, no entanto, a “Biblioteca de Escritoras Colombianas” que se debruça exclusivamente sobre obras literárias escritas por mulheres. Iniciada em 2020 e coordenada pela escritora Pilar Quintana, a coleção conta com dezoito obras, algumas delas disponibilizadas na página do projeto em acesso livre, e objetiva resgatar publicações de mulheres nascidas desde os tempos de colônia até os primeiros anos do século XX e que, por algum motivo, estavam fora de circulação (Obregón, 2021). São livros de escritoras de várias regiões da Colômbia e que contemplam diversos gêneros textuais (Obregón, 2021). De acordo com o texto de apresentação da coleção, “como esperado, os processos de reconhecimento e inclusão de mulheres em nossa literatura aumentaram e continuarão a aumentar em importância e complexidade” (Obregón, 2021, p. 11). Dessa forma, o projeto compõe um esforço consciente de devolver ao sistema literário essas obras antes relegadas ao esquecimento.

Assim, as pesquisas realizadas nos permitiram chegar às seguintes fontes de dados:

- BIBLIOTECA BÁSICA DE CULTURA COLOMBIANA. *In*: Biblioteca Nacional de Colombia. Disponível em: <https://www.bibliotecanacional.gov.co/es-co/colecciones/biblioteca-digital/bbcc>;
- BIBLIOTECA DE ESCRITORAS COLOMBIANAS. *In*: Biblioteca Nacional de Colombia. Disponível em: <https://www.bibliotecanacional.gov.co/es-co/colecciones/bibliografica/biblioteca-de-escriptoras-colombianas>;
- ESCRITORAS LATINOAMERICANAS DEL DIECINUEVE (ELADD). Disponível em: <https://eladd.org/>.
- MARÍN, Jorge Mario Ochoa, “Las escritoras colombianas de la generación del centenario (década de 1920)”. *VINCO - Revista de Estudos de Edição*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 33-48, 2021. Disponível em: <https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/VINCO/article/view/1014/950>;

- MONTES, Patricia Aristizábal. *Escritoras colombianas del siglo XIX: identidad y escritura*. Cali: Universidad del Valle, 2007. Disponível em: <https://bibliotecadigital.univalle.edu.co/entities/publication/e727eb5c-1fea-450b-8448-658df4744d25>.
- REVISTA ESTUDIOS DE LITERATURA COLOMBIANA (Universidad de Antioquia). Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/elc>;

<sup>6</sup>Disponível em: <https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php?title=Portada>.

<sup>7</sup>Disponível em: [https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php?title=Proyecto:Colombianas\\_notables](https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php?title=Proyecto:Colombianas_notables).

Tendo esses itens como base, pudemos começar a empreender buscas mais específicas em torno de cada escritora contida nessas publicações. Nesse sentido, a “Enciclopedia Banrepcultural”<sup>6</sup> se mostrou uma fonte importante, uma vez que traz textos biobibliográficos de diversas escritoras. A iniciativa é uma ação do Banco Nacional da República da Colômbia que busca evidenciar o patrimônio cultural do país por meio de uma enciclopédia que compila seus nomes notáveis. Há, inclusive, um subprojeto, intitulado “Colombianas Notables”<sup>7</sup>, que traz mulheres colombianas relevantes em diversas áreas do conhecimento, como a literatura.

Dessa forma, chegamos ao número de 28 escritoras colombianas<sup>8</sup> nascidas no século XIX que se distribuem geograficamente por diversas regiões do país. Encontramos somente um conto de uma dessas escritoras traduzido para o português brasileiro, e é justamente essa autora que gostaríamos de ressaltar. Soledad Acosta de Samper é um exemplo interessante para falarmos sobre a publicação e tradução de obras escritas por mulheres e seus apagamentos. Conforme mencionado, foi dela o único texto traduzido de uma escritora colombiana que localizamos durante esta pesquisa; trata-se de um conto que está publicado em uma coletânea<sup>9</sup> que, é importante observar, apresenta certa dificuldade de acesso: está disponível apenas em formato e-book, além de fazer um recorte específico de literatura de ficção científica escrita por mulheres, o que certamente diminui o seu alcance. Ainda que seja um trabalho relevante de resgate de autoras, podemos nos perguntar: dada a relevância que Acosta de Samper demonstrou ter em seu contexto, pelo extenso número de obras e pela atuação intensa nas letras colombianas do XIX, podemos dizer que ela está suficientemente traduzida e é acessível em português brasileiro?

Nascida em 1833 em Bogotá, Soledad escreveu diversas obras dos mais diferentes gêneros: romances (entre *novelas psicológicas y de costumbres* e *cuadros históricos*, são 27), correspondências, narrativas visuais feitas com colagens, poemas, estudos sócio-históricos, textos jornalísticos, traduções, biografias, teatro, enfim, foram muitos os textos produzidos pela autora colombiana (Biografía, s.d., n.p.). Escreveu obras como *La mujer en la sociedad moderna* (1895), em que reflete sobre o papel da mulher enquanto escritora, compilando as autoras colombianas que considerava relevantes em seu tempo e lugar (Montes, 2007). Além disso, fundou cinco revistas, traduzia do inglês e do francês e publicava em jornais de Bogotá e de Lima, nos quais utilizava os pseudônimos Andina e Bertilda (Biografía, s.d., n.p.).

<sup>8</sup> Agripina Montes del Valle (1844-1915), Agripina Restrepo de Norris (1899-1983), Agripina Samper de Ancizar (1831-1892), Amira de la Rosa (1895(?) - 1974), Ana Joaquina Cárdenas (1843-1935), Belisa Botero Mora (1895-1950), Bertilda Samper Acosta (1856-1910), Blanca Isaza de Jaramillo (1897-1967), Claudina Múnera Mejía (1877-1939), Concepción Jiménez de Araújo (1862-1929), Eva Ceferina Vergel y Marea (1856-1900), Hermínia Gómez de Abadía (1861-1926), Isabel Carrasquilla de Naranjo (1865-1941), Josefa Acevedo de Gómez (1803-1861), Josefa Andrade Berti (1875-1942), María Botero Robledo (1892-1970), María Cano Márquez (1887-1967), María Martínez de Nisser (1812-1972), Mercedes Álvarez de Flores (1859-1950), Mercedes Hurtado de Álvarez (1840-1890), Natalia Ocampo de Sánchez (1884-1950), Pomiana Camacho de Figueredo (1841-1889), Rosario Grillo de Salgado (1856-1957), Silveria Espinosa de Rendón (1815-1886), Sofía Ospina de Navarro (1892-1974), Soledad Acosta de Samper (1833-1913), Uva Jaramillo Gaitán (1863-1945), Waldina Dávila de Ponce de León (1831-1900).

<sup>9</sup> ANGELO, Rubens (org.). *Estrelas: mulheres pioneiras da ficção científica*. Trad. Rubens Angelo. Rio de Janeiro: Sci-fi Tropical, 2024.

É importante salientarmos esse fato: esses pseudônimos eram nomes femininos, o que, na época, era incomum, uma vez que o recurso era utilizado justamente para velar a autoria de mulheres e permitir suas publicações. Por meio desse recurso, Soledad parece marcar uma posição no que diz respeito à atuação da mulher no campo literário.

Apesar de suas realizações, Acosta de Samper acabou esquecida em seu próprio país: “[...] Após sua morte em Bogotá, em 17 de março de 1913, seu nome praticamente desapareceu dos anais da literatura, historiografia e jornalismo nacionais” (Biografía, s.d., n.p.). Somente no final dos anos 1990 é que começa o resgate de sua obra na Colômbia, através de estudos acadêmicos (Biografía, s.d., n.p.). Em 2013, no centenário de sua morte, sua produção é digitalizada, e hoje se encontra disponível no repositório Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper<sup>10</sup>, fundado em 2019 (Sobre el proyecto, s.d., n.p.).

<sup>10</sup><https://soledadacosta.uniandes.edu.co/>

Nas palavras de Patricia Aristizábal Montes (2007, p. 8), “é válido dizer que Soledad Acosta de Samper constitui um verdadeiro marco em termos de escrita feminina”. Preocupada com o papel da mulher na sociedade, com sua educação e independência, Soledad refletiu, escreveu e agiu em prol dessas questões, corporificando através de sua letra os ideais que buscaram colocar a mulher enquanto sujeito atuante também na literatura. É por isso que optamos por destacar sua obra, entendendo que sua presença é fundamental quando tratamos da literatura hispano-americana do século XIX.

## **Honduras**

Para entender a produção literária do século XIX em Honduras e a carência de dados constatada em relação à produção literária na região nesse período, parece-nos fundamental observar mais atentamente o contexto sociopolítico do período, que influenciou enormemente a atividade cultural. Na América Central, fazendo fronteira com o mar do Caribe no norte e com o Oceano Pacífico no sul, Honduras é, atualmente, um país de pouco menos de dez milhões de habitantes<sup>11</sup>.

No século XIX, Honduras ainda era uma província que conformava a Capitania-geral da Guatemala, um território composto pelo que hoje é – além de Honduras – Guatemala, Belize, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica e o estado mexicano de Chiapas. A Independência da América Central, denominação pela qual o processo ficou conhecido, foi proclamada em 15 de setembro de 1821 como resultado do enfraquecimento do reino espanhol, da consequente decadência de seu domínio colonial e de intensas disputas. Depois de um breve período integrando o império mexicano, as províncias de Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua e Costa Rica se uniram na República Federal da América Central, que duraria até 1838, quando, por fim, os estados se organizariam de forma independente.

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.exteriores.gob.es/documents/fichaspais/honduras\\_ficha%20pais.pdf](https://www.exteriores.gob.es/documents/fichaspais/honduras_ficha%20pais.pdf). Acesso em: maio de 2025.

O século XIX foi um período de intensa movimentação política na América Central, com inúmeras lutas por independência e afirmação de estados nacionais. Honduras esteve no centro desse turbilhão, conquistando a emancipação do reino espanhol, vivenciando a estruturação de uma república centro-americana por dezoito anos para, então, finalmente, conquistar sua autonomia nacional. Essas décadas de guerras civis e de assentamento da nacionalidade hondurenha dificultaram o florescimento cultural do país. Assim, apenas a partir de 1876, com o movimento chamado Reforma Liberal – que questionou as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais da colonização –, a educação e as letras passaram a ser concretamente fomentadas em Honduras, abrindo o caminho para a produção literária e propiciando as bases para a formação de uma literatura nacional:

Até 1876, Honduras vivia isolada do mundo exterior e em um estado de anarquia constante e sangrenta, incapaz de se organizar como país ou fomentar um senso de nacionalidade. Em 1876 (...), com a reforma, Honduras abriu suas portas para o mundo exterior e um poderoso movimento intelectual nasceu. (Otero, 2009, p. 48).

Sobre esse movimento intelectual hondurenho no mundo das letras, no entanto, não contamos com informações em profundidade, já que, como aponta Luis Mariñas Otero (2009, p. 23), “toda a vasta produção de seus escritores está espalhada pela imprensa diária efêmera, revistas literárias e algumas antologias”. Mesmo assim, o autor reconhece que o campo era majoritariamente ocupado por homens: “Estão entre os **homens** da escrita de Honduras criadores esplêndidos, intérpretes brilhantes das essências vernaculares hondurenhas e situados dentro das correntes literárias mais modernas e revolucionárias” (Otero, 2009, p. 23, grifo nosso).

De fato, como aponta Consuelo Márquez (2020), o século XIX não foi largamente ocupado pela produção literária de mulheres na América Central, que, apenas nas últimas décadas do período começam a publicar uma literatura com a capacidade disruptiva de interromper “o fluxo estabelecido em relação ao ser feminino e aos cânones da escrita” (Márquez, 2020, p. 12).

Em nosso levantamento, estabelecemos como fontes de consulta obras de referência no contexto literário hondurenho, incluindo antologias de diferentes gêneros literários, bibliotecas, artigos e enciclopédias. Assim, além de portais na internet, como o da Asociación Nacional de Escritoras de Honduras (ANDEH<sup>12</sup>), de leituras de matérias jornalísticas e reportagens sobre a produção literária hondurenha do século XIX, destacamos o seguinte *corpus* de estudo:

- DURÓN, Rómulo E. *Honduras literaria: colección de escritos en prosa y verso*. Tomo I. Tegucigalpa: Tipografía Nacional, 1896.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://asociacionnacionalescritoras honduras.wordpress.com/>. Acesso em: maio de 2025.

- DURÓN, Rómulo E. *Honduras literaria: colección de escritos en prosa y verso*. Tomo II. Tegucigalpa: Tipografía Nacional, 1899.
- GONZÁLEZ, José. *Diccionario de literatos hondureños*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2004.
- MUÑOZ, Willy Oscar. *Antología de cuentistas hondureñas*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2003.
- OTERO, Luis Mariñas. *Acercamiento a la Cultura de Honduras*. Tegucigalpa: Centro Cultural de España, 2009.
- OVIEDO, Jorge Luis. *Antología del cuento hondureño*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2007.
- PINEDA DE GÁLVEZ, Adaluz. *Honduras, mujer y poesía: antología de poesía hondureña escrita por mujeres (1865-1998)*. Tegucigalpa: Guardabarranco, 1998.

Nos dois tomos de Rómulo E. Durón (1896; 1899), vemos indicações da expressiva ausência de mulheres: enquanto no tomo I não há nenhuma mulher mencionada, no II, entre 34 escritores apresentados, apenas três são mulheres. De todas as formas, a partir dessa e das outras fontes consultadas até o momento, identificamos doze autoras<sup>13</sup> hondurenhas do século XIX, também como as colombianas, distribuídas por diferentes regiões do país. Nenhuma delas encontramos traduzida e publicada no Brasil.

Dentre as autoras encontradas, gostaríamos de destacar Lucila Gamero de Medina, conhecida como “la gran dama de las letras hondureñas”, reconhecida ainda em vida por seus pares e presença constante e celebrada em qualquer antologia da literatura hondurenha.

Lucila nasceu em Danlí, cidade rural a 93 quilômetros da capital de Honduras, Tegucigalpa, filha de Manuel Gamero Idiáquez, um dos primeiros médicos do país, e Camila Moncada de Gamero, também de família de médicos. Segundo conta sua biografia (Martínez, 1994), consumiu avidamente os livros da biblioteca do pai e, com isso, aos apenas treze anos publica o texto “Impresiones del campo” no jornal de seu irmão, Juan Ramón. Também se interessou pela vocação médica do pai, a quem auxiliava no cuidado aos pacientes. Ressalta-se em sua história pessoal e na história hondurenha seu papel no pioneirismo do movimento feminista em Honduras, tendo sido a primeira presidenta da Federación de Asociaciones Femeninas Hondureñas em Danlí.

Seu primeiro romance foi *Amelia Montiel* (1891), publicado em capítulos (perdidos) na revista *Juventud Hondureña*. Já o romance *Adriana y Margarita*, de 1897, é considerado o primeiro publicado em Honduras, o que Lucila fez com o financiamento de seu pai e a impressão na Tipografía Nacional na capital. A obra se centra na amizade das protagonistas, que dão nome ao livro e vivem as experiências do amor e da dor. Para Márquez, esse romance já demonstra um característico traço dessa

<sup>13</sup> Ana Mateo Arbizú y Flores (1825-1903), Josefa Carrasco (1862-1945), Lucila Estrada de Pérez (1856-1949), Ángela Ochoa Velásquez (1885-1969), Fausta Ferrera (1891-1970), Francisca Raquel Navas Gardela (1883-1971), Graciela Bográn (1896-2000), Lucila Gamero de Medina (1873-1964), María Trinidad del Cid (1899-1966), Olimpia Varela y Varela (1899-1986), Teresa Morejón de Bográn (1860-1929), Francisca Puig Coderch (1893-1972).

tradição literária de mulheres, que “rompe com a relação competitiva entre mulheres e a redefine com novas expressões de relações” (Márquez, 2020, p. 16), contribuindo para um processo de afirmação da subjetividade feminina para além dos padrões predefinidos. Em sua carreira, além de sete romances e novelas, Lucila teve importante produção contística e é considerada a primeira na história de Honduras a publicá-los em jornais e revistas<sup>14</sup> (Gaitán, 2002). Em sua produção, destaca-se o romance *Blanca Olmedo*, de 1903, considerado uma das principais obras literárias hondurenhas. Escrito no começo do século XX, mantém um romantismo relativamente ultrapassado para o período e introduz uma protagonista que, apesar dos privilégios, vive uma sequência de conflitos e infortúnios que culminam em tragédia. O romance, no entanto, consagra-se na recepção literária pela crítica social que articula e pelos temas tabu que mobiliza, como a corrupção, os pecados do clérigo e a violência sexual. Lucila traria essa mesma perspectiva em outras de suas obras, como *Aída*, de 1948, em que dirige a crítica e a denúncia aos partidos políticos e militares, defendendo a liberdade de pensamento, o direito de expressão e de independência para as mulheres.

Teve, além disso, importante participação na publicação de jornais e revistas, como *Mujer americana*, e na movimentação sufragista em Honduras, com uma importante luta pelos direitos políticos e pelo voto das mulheres.

Faleceu em 23 de janeiro de 1964, na cidade de São Pedro Sula, deixando um legado reconhecido em seu contexto, como resume Carolina Alduvín na introdução aos contos completos de Lucila publicados em uma coletânea pela Universidad Nacional Autónoma de Honduras em 1997:

Ser mulher em um mundo projetado, habitado e usado por homens era mais difícil há um século do que é hoje; Lucila Gamero enfrentou essa dificuldade à sua maneira, ousou desafiar o fato estabelecido de que as duas grandes paixões que preenchiam sua vida eram coisas de homens e se dedicou totalmente a desenvolvê-las, imprimindo-lhes o selo feminino que até então o país desconhecia naqueles campos. (Alduvín, 1997, p. 20).

## México

Em relação ao México, os dados levantados até o momento mostram-se igualmente expressivos quando levamos em consideração o grande número de escritoras mexicanas nascidas no século XIX e identificadas nesta pesquisa que ainda não podem ser acessadas amplamente em português em nosso país. Diferentemente dos dados menos numerosos de Colômbia e Honduras, conseguimos catalogar 74 escritoras<sup>15</sup> que não se encontram traduzidas e disponíveis no mercado editorial brasileiro. Para chegar a esse resultado, realizamos buscas em antologias, mostruários, base de dados, bibliotecas, artigos e enciclopédias:

<sup>14</sup> Em 1997, Carolina Alduvín reuniria e publicaria esses contos em uma antologia depois de anos de dedicadas e apuradas pesquisas.

<sup>15</sup> María Nestora Téllez Rendón (1828-1890), Refugio Barragán de Toscano (1843-1916), María Enriqueta Camarillo (1872-1968), Dolores Bolio (1880-1950), Concepción Lombardo de Miramón (1835-1921), Enriqueta Larráinzar (1851-1906), María Ernestina Larráinzar Córdoba (1854-1925), Laurena Wright de Kleinhans (1846-1896), Dolores Candamo de Roa (?-1861), Rita Cetina Gutiérrez (1846-1908), Dolores Correa Zapata (1853-1924), Francisca Carlota de Cuéllar (1836-1895), Cristina Farfán (1846-1880), Victoria González (?), María Dolores Guerrero de la Bárcena (1833-1858), Micaela Hernández (1830-1887), Paz Iturría (?-1885), Margarita Montalvo (?), Matilde Montoya (1859-1939), Mateana Murguía de Aveyra (1856-1906), Ignacia Padilla de Piña, (1838-1912), Isabel Ángela Preito de Landázuri (1853-1876), Josefa Elvira Rojas y Rocha (?), Esther Tapia de Castellanos, (1842-1897), Gertrudis Tenorio Zavala (1843-1925), Leona Vicario (1789-1842), Catalina Zapata, (?-1892), Concepción Acevedo de la Llata, (1883-1979), Severa Aróstegui, (1853-1920), Adela Arriola, (1857-1900), María Teresa Borragán (1889-1961), Rosa Carreto (1846-1899), Ramona Castillo Salazar (1858-?), Teutila Correa de Carter (1863-1938), Catalina D'Erzell (1897-1950), María Herminia Pérez de León Avendaño (1893-1953), Carmen Eva Nelken Mansberger (1898-1966), Mariana Estrada (1840-1896), Teresa Farías de Isasi (1878-?), Ana de Gómez Mayorga (1878-1954), ►

- DOMENALLA, Ana Rosa; PASTERNAK, Nora. *Las voces olvidadas: antología crítica de narradoras mexicanas nacidas en el siglo XIX*. Cidade do México: El Colegio de México, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 1997.
- CASTAÑEDA, Haydeé Gisela Salmones. *Decimonónicas*, 2016 - 2024. Catálogo de autoras mexicanas del siglo XIX. Disponível em: <https://www.decimononicas.com/>. Acesso em: 02 fev. 2025.
- BIBLIOTECA NACIONAL DE MÉXICO. In: *BIBLIOTECA NACIONAL DE MÉXICO* [Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM, 2024] Disponível em: <https://bnm.iib.unam.mx/> Acesso em: 11 abr. 2025.
- INFANTE VARGAS, Lucrecia. De la escritura personal a la redacción de revistas femeninas. Mujeres y cultura escrita en México durante el siglo XIX. *Relaciones. Estudios de Historia y Sociedad*, 2008, v. 113, n. XXIX, p. 69-105.
- INFANTE VARGAS, Lucrecia. Publicaciones periódicas femeninas del siglo XIX en México. Relecturas, retornos y nuevos horizontes de investigación. *Bibliographica*, Ciudad de México, v. 6, n. 2, p. 271-300, dez. 2023.
- FUNDACIÓN PARA LAS LETRAS MEXICANAS A.C., *Enciclopedia de la Literatura en México*, 2018. Disponível em: <https://www.elem.mx/>. Acesso em: 02 fev. 2025.

A pesquisa se tornou possível em função do grande número de fontes e bibliografias produzidas, principalmente por mulheres, que se depararam com as lacunas deixadas em relação à história literária do México e buscaram identificar e registrar os nomes das mulheres até então vítimas de um silenciamento que as isolou dessa narrativa.

É interessante observar os números levantados tendo em vista a antiga e vasta tradição literária mexicana, que data desde o período pré-colombiano. Ao longo do século XIX, com uma série de mudanças políticas e socioeconômicas relacionadas às independências, a situação feminina na América Latina, aos poucos, começou a alcançar transformações que permitiram uma maior participação das mulheres nos meios públicos, intelectuais e de ensino (Guardia, 2013, p. 18). Nesse período, é possível perceber uma expansão na produção literária feminina mexicana, indicado por um maior acesso das mulheres ao mundo da leitura, da escrita e das publicações. Apesar da contínua dificuldade de se firmarem enquanto escritoras, pensadoras e intelectuais em um universo onde o discurso masculino continuava sendo hegemônico, diversas vozes desafiaram essa estrutura ao fundarem escolas, revistas, periódicos, sociedades literárias, grupos e ligas, em sua maioria voltados para a participação e para a atuação feminina.

◀  
Palma Guillén de Nicolau (1893-1975), Emmy Ibáñez (1887-1950), Socorro de León (1831-1869), Madame Calderón de la Barca (1806-1882), Ángela Molt Madariaga (1897-?), Guadalupe Marín (1895-1983), Manuela M. Marquéz (1873-?), María Moreno Negrete (1882-1944), Josefa Murillo (1860-1898), Julia Nava de Ruisánchez (1893-1964), Margarita Nelken (1898-1968), Adela O. de Walters (1895-?), Nahui Olin (1893 - 1978), Enriqueta de Parodi (1899-1976), Josefina Pérez de García Torres (1853-1894), Herminia Pérez de León (1893-1953), Isabel Pesado (1828-1913), María Luz de Quiroz (1898-?), Columba Rivera (1870-1943), María Luisa Ross Landa (1880-1945), Concepción Sada (1899-1981), Rosario Sansores (1889-1972), María Luisa Toranzo (1890-1968), Eugenia Torres (1897-1935), Antonia Vallejo, (1842-1940), Adela Varela de Curto (1891-?), Esperanza Velázquez Bringas (1899-1980), Rosaura Zapata Cano (1876-1963), Camerina Pavón y Oviedo (1862-1893), Dolores Salazar de Payán (?), Beatriz Carlota Portugal de Salinas (?), Soledad Manero de Ferrer (?), Catalina D'Erzell (1891-1950), Amalia de Castillo Ledón (1898-1986).

O exercício da escrita e a apropriação dos espaços públicos pelas mulheres mexicanas do século XIX estiveram profundamente relacionados à construção de si enquanto sujeito político e de uma identidade coletiva (Vargas, 2023). Nesse sentido, destacamos a importância de recuperar seus registros, narrativas e histórias. Esse processo teve força no México a partir da década de 1980, quando pesquisadoras como María del Carmen Ruiz Castañeda (1994), Ana Rosa Domenella e Nora Pasternac (1997), por exemplo, iniciaram estudos sobre a presença dessas mulheres na imprensa e na literatura do país, com o objetivo de investigar mais sobre quem foram essas escritoras há tanto esquecidas.

A fim de exemplificar a relevância dessas vozes e a importância de traduzi-las, destacamos a escritora mexicana Laureana Wright González, notável em seu país por ter sido uma das pioneiras do periodismo literário feminino e precursora do feminismo no México, e que permanece amplamente desconhecida pelo público leitor brasileiro.

Laureana nasceu no ano de 1846, em Taxco, no estado de Guerrero, filha do norte-americano Santiago Wright e da mexicana Eulalia González. Desde cedo, recebeu uma educação excepcional, com professores particulares, o que lhe permitiu o aprendizado de diversos idiomas, como inglês, francês e espanhol. Em 1965, Laureana iniciou seus experimentos com a escrita produzindo seus primeiros poemas, de caráter patriótico. Sua repercussão se restringiu, inicialmente, a família e amigos, mas, poucos anos após seu matrimônio com Sebastián Kleinhans em 1868, Laureana passou a colaborar com os periódicos *El Estudio*, *El Federalista* y el *Diario del Hogar* (Domenella; Pasternac, 1997, p. 400). Como consequência do sucesso de suas publicações, foi convidada a fazer parte de sociedades e grupos como a Sociedad Netzahualcóyotl, a Sociedad Científica El Porvenir e o Liceo Hidalgo. Atuou também como sócia honorária no Liceo Mexicano e no Liceo de Oaxaca. Com o tempo, seu nome ficou mais conhecido e sua participação em periódicos aumentou. Em suas publicações, Laureana defendia os direitos civis das mulheres e demonstrava profunda preocupação em relação à educação feminina e à sua participação na sociedade.

Em 1887, a escritora fundou e dirigiu a revista feminina *Las Hijas de Anáhuac* que, posteriormente, foi renomeada como *Violetas de Anáhuac*. O periódico, conhecido por ser o primeiro redigido apenas por mulheres no país, era impresso por alunas da oficina de *Artes y Oficios* e foi responsável por publicar diversos nomes de escritoras que, como Laureana, ficaram conhecidas e fizeram parte da produção literária feminina do século XIX que conhecemos hoje.

Além disso, Laureana se dedicou à escrita de obras como *La emancipación de la mujer*, publicada em 1891, e *Educación errónea de la mujer y medio práctico para corregirla*, escrita e publicada no ano seguinte. Ambas retratam a preocupação da autora em expor a situação feminina de sua época, em exigir seus direitos, sua emancipação e argumentar acerca das injustiças e dos prejuízos acumulados em torno da figura feminina.

Em sua segunda obra, que se detém sobre a educação das mulheres, a escritora tece uma crítica à “falsa e superficial educação” ofertada naquele período. De acordo com Lucrécia Infante Vargas (2006, p. 150-151), seu propósito era “(...) conseguir que desenvolvessem um sentimento interno de autoconfiança e, nessa medida, produzir uma verdadeira ruptura com o modelo até então estabelecido”..

Em sua última publicação, realizada postumamente, no ano de 1910, a autora compila uma série de biografias de mulheres, anteriores e contemporâneas a ela, que acredita serem importantes personalidades na história do México. Intitulada *Mujeres notables mexicanas*, a obra tem por objetivo destacar esses nomes e ser uma fonte de inspiração e um meio de honrar tais mulheres. Nesse sentido, percebemos sua preocupação em identificar, pesquisar, registrar e compartilhar as histórias dessas mulheres, perpetuando-as e conferindo a elas o lugar de destaque que julga merecerem.

Como vemos, as obras de Laureana são representações da vontade e da luta das mulheres em conhecer e escrever suas próprias histórias. Além disso, sua preocupação em destacar e registrar nomes contemporâneos ao seu, de mulheres que, por vezes, publicaram no periódico *Violetas de Anáhuac*, indica sua noção de historicidade. Além de rastrear a trajetória da mulher ao longo dos séculos no México, Laureana também demonstrava estar atenta aos problemas em relação à educação e ao acesso da mulher aos demais espaços públicos e de poder. De certa forma, o presente projeto compartilha as mesmas inquietações que levaram Laureana a recusar o esquecimento imposto às vidas e às obras das mulheres.

### Considerações finais

A literatura produzida por mulheres hispano-americanas retrata diferentes experiências sociais, a vivência de diferentes opressões devido a questões de gênero, raça e outras variáveis, os efeitos de regimes ditatoriais violentos e da colonialidade, diferentes sexualidades, a exclusão feminina dos espaços públicos, sua participação limitada no mercado profissional, mas também seu movimento político e a riqueza cultural de seus contextos. Além disso, como observamos com uma breve análise da vida e da obra de Soledad, Lucila e Laureana, tratam-se de obras de tradição “subversiva e disruptiva, o que representa um perigo à hegemonia em relação aos cânones literários e aos privilégios masculinos na vida cotidiana” (Márquez, 2020, p. 11). Nesse sentido, tornam-se ainda mais importantes não só em seu contexto de partida e produção, mas em contextos novos, outros, cujos cânones também poderiam transformar com seu potencial transgressivo.

Conhecer essa literatura, para então compreendê-la, é parte fundamental de uma apreensão mais ampla deste território que se convencionou chamar de América Latina, e que também podemos pensar como uma “formação cultural transfronteiriça” (Alvarez, 2014).

Essa compreensão, no entanto, depende fundamentalmente da tradução como ferramenta que possibilita aproximações entre subjetividades situadas em diferentes contextos desta formação e que vivem – e escrevem – experiências igualmente localizadas e atravessadas por muitas variáveis. Nessa perspectiva, esta pesquisa toma como base central a hipótese, confirmada por dados concretos aqui apresentados, de que existem muitas vozes de autoras latino-americanas que, embora sejam reconhecidas em seus contextos de produção e tenham escrito há muitas décadas, permanecem sem tradução e publicação no Brasil – são, portanto, de difícil acesso ao público leitor em geral.

Entendemos que o impacto desse vazio não é irrisório: a não tradução mantém essas vozes sem espaços linguístico-culturais amplos em diferentes contextos, nos quais poderiam estabelecer novas relações e instaurar novas tradições. Ainda que esta pesquisa represente um esforço ínfimo perto do que é possível fazer no sentido dessa recuperação, entendemos que presta uma contribuição, mas, sobretudo, busca incentivar novos e diferentes projetos que, debruçados sobre novas vozes e nos mais variados contextos geopolíticos, podem trabalhar no sentido de restaurar injustiças epistêmicas.

## Referências

ALDUVÍN, Carolina (comp.). *Cuentos completos de Lucila Gamero de Medina*. Tegucigalpa: Universidad Nacional Autónoma de Honduras, 1997.

ALVAREZ, Sonia E. Enacting a translocal feminist politics of translation. In: ALVAREZ, Sonia E. et al. (ed.). *Translocalities/translocalidades*. Durham: Duke University Press, 2014. p. 1-18.

ASEFF, Marlova. *Apresentação de Poesia Traduzida*. Brasília, março de 2023. Disponível em: <https://www.poesiatraduzida.com.br/apresentacao/>. Acesso em 06 jul. 2023.

BAER, Brian James. *Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire*. Abingdon; New York: Routledge, 2021.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica: arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BIBLIOTECA BÁSICA DE CULTURA COLOMBIANA. In: Biblioteca Nacional de Colombia. Disponível em: <https://www.bibliotecanacional.gov.co/es-co/colecciones/biblioteca-digital/bbcc>. Acesso: 06 fev. 2025.

BIBLIOTECA DE ESCRITORAS COLOMBIANAS. In: Biblioteca Nacional de Colombia. Disponível em: <https://www.bibliotecanacional.gov.co/es-co/colecciones/bibliografica/biblioteca-de-escriptoras-colombianas>. Acesso: 06 fev. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL DE MÉXICO. In: BIBLIOTECA NACIONAL DE MÉXICO [Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM, 2024] Disponível em: <https://bnm.iib.unam.mx/> Acesso em: 11 abr. 2025.

BIOGRAFÍA. Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper. Disponível em: <https://soledadacosta.uniandes.edu.co/biografa>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CASTAÑEDA, Maria del Carmen Ruiz. Mujer y literatura en la hemerografía: revistas literarias femeninas del siglo XIX. *Revista Fuentes Humanísticas*, Cidade do México, v. 4, n. 8, p. 81-90, 1994.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? Tradução de Beatriz Barboza. *Tradterm*, v. 29, n. 1, p. 216-250, 2017.

CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura. Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una traductología feminista transnacional. *Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción*, v. 13, n. 1, p. 11-44, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2006.

DOMENALLA, Ana Rosa; PASTERNAK, Nora. *Las voces olvidadas: antología crítica de narradoras mexicanas nacidas en el siglo XIX*. Cidade do México: El Colegio de México, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 1997.

DURÓN, Rómulo E. *Honduras literaria: colección de escritos en prosa y verso*. Tomo I. Tegucigalpa: Tipografía Nacional, 1896.

DURÓN, Rómulo E. *Honduras literaria: colección de escritos en prosa y verso*. Tomo II. Tegucigalpa: Tipografía Nacional, 1899.

ESCRITORAS LATINOAMERICANAS DEL DIECINUEVE (ELADD). Disponível em: <https://eladd.org/>. Acesso: 06 fev. 2025.

FRICKER, Miranda. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. New York: Oxford University Press, 2007.

FUNDACIÓN PARA LAS LETRAS MEXICANAS A.C., Enciclopedia de la Literatura en México, 2018. Disponível em: <https://www.elem.mx/>. Acesso em: 02 fev. 2025.

GAITÁN, Nery Alexis. Índice bibliográfico del cuento en Honduras. *Revista de la Academia Hondureña de la Lengua*, v. 6, p. 73-106, 2002.

GONZÁLEZ, José. *Diccionario de literatos hondureños*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2004.

GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 15-44, 2013.

HARDING, Sandra. Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo. Em construção. *Arquivos de epistemologia histórica e estudos da ciência*, v. 5, p. 143-162, 2019.

INFANTE VARGAS, Lucrecia. Educación y superación femenina en el siglo XIX: dos ensayos de Laureana Wright. *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, Ciudad de México, n. 32, p. 147-152, 2006.

INFANTE VARGAS, Lucrecia. Publicaciones periódicas femeninas del siglo xix en México. Relecturas, retornos y nuevos horizontes de investigación. *Bibliographica*, Cidade do México, v. 6, n. 2, p. 271-300, 2023.

KARAM, Sérgio Bandeira. *A tradução de literatura hispano-americana no Brasil: um capítulo da História da Literatura Brasileira*. 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172902/001060383.pdf?sequence>. Acesso em: 02 fev. 2025.

MÁRQUEZ, Consuelo Meza. Lucila Gamero Moncada, primera novelista centroamericana e iniciadora de una tradición disruptiva en la escritura de mujeres. In: MONCADA, Lucila Gamero. *Odio*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2020. p. 5-23.

MARÍN, Jorge Mario Ochoa. Las escritoras colombianas de la generación del centenario (década de 1920). *VINCO - Revista de Estudos de Edição*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 33-48, 2021.

MARTÍNEZ, Juan Ramón. *Lucila Gamero de Medina*. Una mujer ante el espejo, Tegucigalpa, Universidad Nacional Autónoma de Honduras, 1994.

MHEREB, Maria Teresa. Gênero e Divisão do Trabalho de Tradução: o Caso da Poesia Traduzida no Brasil. *Revista Belas Infiéis*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 1-19, 2022.

MUÑOZ, Willy Oscar. *Antología de cuentistas hondureñas*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2003.

MONTES, Patricia Aristizábal. *Escritoras colombianas del siglo XIX: identidad y escritura*. Cali: Universidad del Valle, 2007. Disponível em: <https://bibliotecadigital.univalle.edu.co/entities/publication/e727eb5c-1fea-450b-8448-658df4744d25>. Acesso: 06 fev. 2025.

OBREGÓN, Angélica María Mayolo. Presentación. In: SAMPER, Soledad Acosta. *Una holandesa en America*. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2021. p. 11-12.

OTERO, Luis Mariñas. *Acercamiento a la Cultura de Honduras*. Tegucigalpa: Centro Cultural de España, 2009.

OVIEDO, Jorge Luis. *Antología del cuento hondureño*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2007.

PINEDA DE GÁLVEZ, Adaluz. *Honduras, mujer y poesía: antología de poesía hondureña escrita por mujeres (1865-1998)*. Tegucigalpa: Guardabarranco, 1998.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A Cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Revista Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 1. 45-59, 2013.

PYM, Anthony. *Method in translation history*. Manchester: St Jerome, 1998

PYM, Anthony. Catalogues and Corpora in Translation History. In: COULTHARD, Malcolm; BAUBETA, Patricia Anne Odber de. *The Knowledges of the Translator: From Literary Interpretation to Machine Translation*. Lewiston; Queenston; Lampeter: Edwin Mellen Press, 1996. p. 167-190

REVISTA ARCADIA. *Cien años, cien libros de escritoras en español*. 2019. Disponível em: <http://especiales.revistaarcadia.com/los-cien-mejores-libros-recomendados-de-los-ultimos-cien-anos-escritos-por-mujeres/index.html>. Acesso em: 8 fev. 2025.

REVISTA ESTUDIOS DE LITERATURA COLOMBIANA (Universidad de Antioquia). Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/elc>. Acesso: 06 fev. 2025.

SÁNCHEZ, Lola. La traducción: un espacio de negociación, resistencia o ruptura de significados sociales de género. In: SALETTI CUESTA, Lorena (ed.), *Traslaciones en los Estudios feministas*. Ediciones electrónicas de la AEHM/UMA. Málaga: Perséfone, 2015. p. 55-80.

SOBRE EL PROYECTO. Biblioteca Digital Soledad Acosta de Samper. Disponível em: <https://soledadacosta.uniandes.edu.co/acerca>. Acesso em 24 set. 2025.

SPIVAK, Gayatri. The politics of translation. In: SPIVAK, Gayatri. *Outside in the teaching machine*. Londres; Nueva York: Routledge, 1993. p. 179-200.

TISSOT, Damien. Transnational feminist solidarities and the ethics of translation. In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (ed.) *Feminist translation studies*. Local and transnational perspectives. Londres; Nueva York: Routledge, 2017. p. 29-40.

TORRES, Bolívar. Coleção 'Otra Língua' lança novo olhar sobre a literatura hispano-americana. *O Globo*, 24 de maio de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/colecao-otra-lingua-lanca-novo-olhar-sobre-literatura-hispano-americana-8481314>. Acesso: 06 fev. 2025.

## **19th-Century Spanish-American Women Not Translated in Brazil: A Pilot Study of a Project Under Construction**

### **ABSTRACT**

*This work is based on the premise that there is an astonishing amount of literary productions by Hispanic-American women – of fundamental historical, political, social and cultural value in their contexts of origin –, which continue to be systematically ignored by the Brazilian publishing market. Based on the collection of various data supported by field research, we developed a research project that has been developed at the Federal University of Rio Grande do Sul and aims to build a database with information on untranslated Hispanic-American women from the 19th century that can serve as a reference for new works, reflections and translations that take these voices out of their confinement. Based on Transnational Feminist Translation Studies, we understand translation not only as a communicative activity, but as a tool with high potential for social intervention that can contribute to the revision of dominant canons, conceptions, and values. In this paper, we present the pilot study of the project that focuses on three countries of three Americas: Mexico (North), Honduras (Central), and Colombia (South). As results, we will indicate the sources of reference researched, both for the identification of the authors in their context of production and for the confirmation of their (non)translation in Brazil; a summary of the data obtained so far; and a brief description of writers considered precursors of literature in the three countries studied. Thus, we intend to contribute to the rewriting of a cartography of Spanish-American translation in Brazil, enabling the introduction of new female voices in the Brazilian publishing market.*

**Keywords:** *feminist translation; literature; Hispanic-American women.*